



**CINQUENTA ANOS DE *LES VÉRITÉS DE LA PALICE*: TRAJETÓRIA,
RETIFICAÇÕES E ATUALIDADE DA ANÁLISE DE DISCURSO
DE MICHEL PÊCHEUX**

*FIFTY YEARS OF LES VÉRITÉS DE LA PALICE: TRAJECTORY, RECTIFICATIONS,
AND THE CONTEMPORARY RELEVANCE OF MICHEL PÊCHEUX'S
DISCOURSE ANALYSIS*

Sérgio Augusto Freire de Souza¹

RESUMO: Passados cinquenta anos desde a publicação pela Editora Maspero de *Les vérités de La Palice* (1975), de Michel Pêcheux, revisitar sua obra é revisitar a trajetória de uma teoria que transformou a compreensão da linguagem como prática social, histórica e ideológica. Este texto traça o percurso teórico do autor desde o contexto estruturalista francês até a fase da retificação, por ele explicitada no Anexo 3 da tradução americana *Language, Semantics and Ideology*, publicado pela St. Martin's Press, em 1982, e posteriormente também publicado na edição brasileira *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, em 1988. Como contexto, o artigo sintetiza as quatro partes e a conclusão dessa obra fundamental, destacando os conceitos fundadores da Análise de Discurso (AD) de orientação materialista. Em seguida, analisa a autocrítica realizada por Pêcheux no texto “Só há causa naquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, relacionando-a, entre outras coisas, ao papel assumido pela psicanálise lacaniana no pensamento do autor. Conclui-se que a obra de Michel Pêcheux constitui uma teoria em permanente construção, que demanda do pesquisador em análise de discurso a mesma abertura epistemológica para retificações e atualizações que o próprio autor cultivou. No entanto, essa abertura para as discussões e atualizações em cada um dos seus elementos constituintes não implica abandono de seus fundamentos: a centralidade da ideologia, compreendida em sua constituição contraditória; o sujeito assujeitado pela ideologia, mas cindido, capaz de resistência e deriva; e a língua, lugar privilegiado onde essas forças se inscrevem e se confrontam. Ignorar essas colunas de sustentação teórica é se afastar da Análise de Discurso proposta por Pêcheux. É fazer outra coisa, mas não a AD que ele concebeu. Este texto defende o compromisso de uma AD materialista que seja política (comprometida com as questões da polis), ética (comprometida com olhar para a alteridade) e estética (comprometida com um mundo melhor e mais justo).

Palavras-chave: Michel Pêcheux. Análise de Discurso. Ideologia. Psicanálise. Retificação teórica

Abstract: Fifty years after the publication of *Les vérités de La Palice* (1975) by Michel Pêcheux through François Maspero, revisiting his work means returning to the origins of a theory that transformed the understanding of language as a social, historical, and ideological practice. This paper retraces Pêcheux's theoretical trajectory from the French structuralist context to the phase of rectification made explicit in Appendix 3 of the American translation *Language, Semantics and Ideology*, published by St. Martin's Press in 1982, and later in the Brazilian edition *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor associado 4 na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Diretor da Editora da Universidade Federal do Amazonas - EDUA. Líder do Grupo de Pesquisas Discurso e Práticas Sociais e membro do LAPCRI, Laboratório de Psicanálise, Clínica e Criação vinculado à UFAM.

in 1988. As background, it summarizes the four parts and conclusion of this fundamental work, emphasizing the founding concepts of materialist-oriented Discourse Analysis (DA). Finally, it examines Pêcheux's self-critique in the text "*The French Political Winter: Beginning of a Rectification. Postscript for English Readers*", relating it to the role assumed by Lacanian psychoanalysis in his theoretical reformulations. The paper concludes that Michel Pêcheux's work constitutes a theory in permanent construction, one that demands from the discourse analysis researcher the same epistemological openness to revisions and updates that the author himself cultivated. However, this openness to debate and theoretical reformulation within each of its constitutive dimensions does not imply abandoning its foundational principles: the centrality of ideology, understood in its contradictory constitution; the subject, subjugated by ideology yet divided, capable of resistance and drift; and language, the privileged site where these forces are inscribed and confronted. Ignoring these pillars of theoretical support means moving away from the Discourse Analysis proposed by Pêcheux. It is to do something else, but not the DA he conceived. This text advocates a commitment to a materialist Discourse Analysis that is political (engaged with the issues of the polis), ethical (committed to the recognition of otherness), and aesthetic (devoted to envisioning a better and fairer world).

Keywords: Michel Pêcheux. Discourse Analysis. Ideology. Psychoanalysis. Theoretical Rectification

1 Introdução

Em 1975, Michel Pêcheux publicou pela Editora Maspero *Les Vérités de La Palice*² (Pêcheux, 1975). O livro se tornaria uma obra fundamental da Análise de Discurso (AD) de orientação materialista, fundada por esse autor.

Inserido no contexto intelectual francês da década de 1970, Pêcheux estabelece um diálogo crítico com três fundamentos centrais do pensamento estruturalista: Ferdinand de Saussure (2021 [1916]), cuja concepção da linguagem como sistema simbólico e a noção de valor servem de base para a formulação linguística de sua teoria do discurso, em um primeiro momento; Louis Althusser (1980 [1970]), a partir da teoria da ideologia e do conceito de interpelação que fundamentam a constituição do sujeito; e Jacques Lacan (1998 [1966]), cuja compreensão do inconsciente estruturado à semelhança da linguagem oferece subsídios para a articulação entre sentido, sujeito e materialidade discursiva.

² O título *Les vérités de La Palice* é uma ironia erudita. Na cultura francesa, uma *vérité de La Palice* (ou *lapalissade*) designa uma obviedade risível, equivalente à expressão portuguesa "chover no molhado". A origem está no epitáfio atribuído ao marechal Jacques de La Palice (séc. XVI): "*s'il n'était pas mort, il ferait encore envie*", que foi mal lido como "*il serait encore en vie*" ("se não tivesse morrido, ainda estaria vivo"). Assim, Pêcheux usa o título para criticar as "verdades evidentes" da linguística e da semântica tradicionais, desmontando a crença na transparência do sentido e mostrando que o significado é produto histórico e ideológico.

O objetivo deste artigo é revisitar a trajetória teórica da AD de orientação materialista, tomando como ponto de inflexão o cinquentenário da publicação de *Les vérités de La Palice*. Propomos uma articulação entre essa obra fundamental e as reformulações conceituais posteriores de Pêcheux, as denominadas retificações teóricas. A proposta de retificações é apresentada, principalmente, no Anexo 3 da edição norte-americana *Language, Semantics and Ideology*, publicada pela St. Martin's Press (Pêcheux, 1982), e posteriormente publicada pela Editora da Unicamp na edição brasileira *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (Pêcheux, 1988).

A obra de Pêcheux sempre foi e ainda é um sistema aberto e em constante reelaboração, cujo vigor teórico repousa justamente na capacidade de questionar a si mesma. A partir da revisitação à sua obra principal, provocados pela efeméride dos 50 anos, trazemos reflexões sobre o que é fazer AD de Michel Pêcheux hoje.

2 Contexto histórico e teórico da publicação de *Les vérités de La Palice*

2.1 França, 1960–1970: estrutura, ideologia e linguagem

A década de 1970 foi um período de efervescência teórica e política na França. O Estruturalismo dominava o cenário intelectual e oferecia novas ferramentas para pensar o funcionamento das estruturas sociais e simbólicas. Pêcheux, contemporâneo intelectual de Louis Althusser na *École Normale Supérieure*, absorve a leitura marxista da ideologia como estrutura material e a articula com a linguística saussureana e com a psicanálise lacaniana. Essa confluência teórica dá origem a um campo inédito de investigação: a Análise de Discurso, cuja hipótese fundadora é a de que o sentido é sempre efeito de condições históricas e ideológicas de produção e não um dado natural da língua. Esse eixo epistemológico se mantém ao longo do tempo, mas vai se reconfigurando em suas dinâmicas a partir da reflexão sobre a teoria feita por Pêcheux. No texto *Análise de discurso: três épocas* (Pêcheux, 1997 [1983]), o autor faz uma síntese do percurso e dessas retificações da teoria. Relembremos.

Na denominada AD-1, correspondente à fase da “maquinaria discursivo-estrutural”, os processos discursivos são concebidos como mecanismos sistemáticos e relativamente rígidos, orientados por determinações ideológicas que produzem efeitos de sentido estabilizados. O

sujeito é concebido como inteiramente subordinado às formações discursivas, não possuindo agência autônoma na produção de sentidos. Essa formulação teórica, sistematizada sob a designação de Análise Automática do Discurso (AAD69), encontra-se delineada na obra inaugural de Michel Pêcheux (1969) e é trazida também no livro organizado por Gadet e Hak (1997). A metodologia analítica dessa fase retoma procedimentos de segmentação da superfície linguística e sua posterior deslinearização, procedimentos herdeiros diretos da linguística distribucionalista de Zellig Harris (1952). É uma metodologia ainda mediada por aplicações informatizadas, das quais Pêcheux se mostrava um entusiasta.

Ainda na periodização proposta por Pêcheux, a AD-2 corresponde à etapa da “justaposição de processos discursivos”. Aqui, o discurso deixa de ser concebido como um sistema fechado e mecanicista, passando a ser compreendido em sua inserção nas formações ideológicas que delimitam historicamente o que pode e o que não pode ser dito. Nessa fase, o funcionamento discursivo é reconhecido como atravessado por determinações ideológicas, históricas e sociais, consolidando a articulação entre discurso e ideologia. É nesse momento que a teoria althusseriana – especialmente as formulações de “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado” (Althusser, 1980 [1970]) – é incorporada de modo mais sistemático à Análise de Discurso. Segundo Maldidier (2003), o texto de Althusser já exercia influência determinante sobre a produção de Pêcheux na virada dos anos 1970, constituindo a base teórica do que viria a ser *Les vérités de La Palice*, e o ponto a partir do qual emergem posteriores tensões e revisões. Maldidier afirma que essa influência “vai alimentar remorsos, quando chegar o tempo das desconstruções” (p. 33). A incorporação da ideologia althusseriana e do conceito de *pré-construído*, resultado da inscrição do conceito de *pressuposto* no quadro teórico da AD, em reflexão tributária a Paul Henry (2013 [1977]) são basilares para este estágio da teoria. A obra comemorativa de cinquenta anos, foco de reflexão deste artigo, situa-se precisamente na transição entre a primeira e a segunda fase da AD, sendo, certamente, o marco delimitador entre as duas primeiras épocas da AD.

Na AD-3, por fim, na época da “desconstrução da maquinaria discursiva”, Pêcheux incorpora a noção de *interdiscurso* e uma concepção mais complexa da materialidade discursiva, articulando língua, história e inconsciente. O discurso passa a ser visto em sua heterogeneidade e movimento, desconstruindo a rigidez das máquinas discursivas anteriores. A língua deixa de ser

apenas sistema e passa a ser materialidade, o lugar onde falhas, equívocos, resistências surgem, sendo elas as “marcas” dessa materialidade discursiva (cf. Conein *et al.*, 1981). A terceira fase aponta para a dinâmica e para o conflito entre diferentes discursos, enfatizando o papel da alteridade e da luta ideológica no campo discursivo. Como aponta Mالدیدیر (2003, p. 69), assinalando o deslocamento: “No *Semântica e Discurso*, o ‘sujeito funciona bem demais’, só encontramos interpelações bem-sucedidas, assujeitamentos realizados: ‘nada falha aí’”.

2.2 A Análise de Discurso de *Les vérités de La Palice*

Em *Les vérités de La Palice*, Pêcheux propõe que o discurso seja entendido como efeito de sentido entre interlocutores, isto é, como prática material em que se manifestam as determinações ideológicas e as possibilidades linguísticas. A obra rompe com dois modelos dominantes: o da linguística estrutural, que isolava o sistema da língua, e o da análise de conteúdo, que supunha a transparência da linguagem e a intenção do sujeito como centro da significação. A AD se consolida, assim, como uma teoria da opacidade da linguagem, interessada em compreender como o sentido se produz e se desloca dentro das formações ideológicas que determinam os sentidos de um sujeito que não se dá conta dessa determinação.

3 Estrutura e ideias principais de *Les vérités de La Palice*

O livro de Pêcheux consolida sua teorização até aquele momento. De forma resumida, trazemos a estrutura do livro e suas ideias principais para nos auxiliar nas argumentações.

3.1 Parte I – Linguística, lógica e filosofia da linguagem

Na primeira parte, Michel Pêcheux dirige sua crítica à concepção tradicional da linguagem como instrumento neutro de comunicação e representação do mundo. Ele contesta o que chama de “ilusão da transparência”, a crença segundo a qual as palavras designariam diretamente as coisas, como se houvesse uma correspondência natural e imediata entre linguagem e realidade. Essa concepção herdada do racionalismo e do empirismo sustenta a ideia de que o

sujeito falante seria plenamente consciente do que diz e do que quer dizer, bastando-lhe escolher as palavras adequadas para expressar seu pensamento.

Pêcheux rompe com esse “óbvio” da linguagem ao introduzir a noção de que o sentido não é intrínseco às palavras, mas se constitui nas formações discursivas que as determinam. O que se diz e o modo como se diz dependem de posições ideológicas inscritas na história e nas condições de produção do discurso. Assim, o discurso não é um simples veículo da língua, mas o lugar em que se materializam as relações entre língua, ideologia e sujeito.

Nessa perspectiva, a significação não é fixa nem universal, mas resultado de um processo material de produção de sentido. Cada enunciação é atravessada por um interdiscurso, um conjunto de outros dizeres já ditos e disponíveis, e por um contexto ideológico que define o que pode, deve ou não ser dito. O sujeito do discurso, portanto, não é origem do sentido, mas efeito das formações discursivas que o interpelam.

Ao afirmar que não é a língua que carrega o sentido, mas é o discurso que o produz, Pêcheux propõe uma verdadeira ruptura epistemológica com a linguística estrutural e com a semântica tradicional. Essa virada desloca o foco do signo para o processo discursivo e do sujeito autônomo para o sujeito constituído ideologicamente. O sentido passa a ser concebido como instável, histórico e conflituoso, sempre marcado pela opacidade própria da linguagem e pela heterogeneidade que a atravessa.

3.2 Parte II – Da filosofia da linguagem à teoria do discurso

Na segunda parte do livro, Pêcheux aprofunda a relação constitutiva entre língua, ideologia e discurso, estabelecendo um dos pilares fundamentais da AD materialista. Ele parte do princípio de que a língua, em si mesma, é um sistema estruturado, mas que só adquire sentido quando atravessada pela ideologia. A ideologia, por sua vez, não é concebida como uma camada externa que se adiciona ao discurso, mas como o próprio modo de existência da relação entre sujeito e linguagem. É nesse ponto que Pêcheux se distancia das concepções idealistas e psicologizantes de linguagem, afirmando que todo dizer é determinado por posições ideológicas que o antecedem e o excedem.

Essa articulação não é casual: a ideologia fornece as condições materiais para que a língua funcione como discurso. A estrutura linguística, aparentemente autônoma, é o meio pelo qual a ideologia se materializa; e o discurso, enquanto prática social, é o espaço em que essa materialidade se realiza e se transforma. Assim, o discurso é simultaneamente linguístico e histórico: ele mobiliza a língua, mas é determinado pelas condições sociais e ideológicas que o produzem.

Nesse sentido, Pêcheux propõe compreender o sujeito não como origem do discurso, mas como efeito das formações ideológicas que o constituem. O sujeito é “falado” antes de falar. Sua fala é atravessada por memórias discursivas, por dizeres anteriores que o inscrevem em uma determinada posição no campo ideológico. Cada formação discursiva delimita o que pode ser dito, o que deve ser silenciado e o que é possível significar em determinado momento histórico.

Ao articular língua, ideologia e discurso, Pêcheux evidencia que o processo de significação é sempre histórico e conflituoso. O sentido não é uma propriedade natural das palavras, mas o resultado de um jogo de forças entre diferentes formações discursivas. Por isso, compreender o discurso exige compreender também as condições de produção que o sustentam, o modo como os sujeitos são interpelados pela ideologia e como a linguagem se torna o lugar material onde essas relações se manifestam.

Em última instância, Pêcheux propõe que uma análise do discurso não se limita à descrição linguística: ela é uma prática de interpretação que busca evidenciar os mecanismos ideológicos inscritos na linguagem. Desse modo, o discurso aparece como espaço privilegiado para observar o funcionamento da ideologia, o processo de constituição do sujeito e a historicidade dos sentidos.

3.3 Parte III – Discurso e ideologia(s)

Na terceira parte, Pêcheux aprofunda o entrelaçamento entre discurso e ideologia, propondo que não há discurso fora da ideologia, assim como não há ideologia fora da linguagem. O discurso é o espaço privilegiado em que a ideologia se materializa e onde o sujeito é constituído. Essa formulação rompe com a noção de ideologia como “falsa consciência” ou conjunto de ideias distorcidas; para Pêcheux, seguindo Althusser, a ideologia é um modo material de existência das relações sociais, que interpela os indivíduos e os faz sujeitos.

Assim, o sujeito não fala “por si”, mas a partir de uma posição ideológica que o antecede. Quando enuncia, ele se reconhece ou acredita se reconhecer como origem de seu próprio dizer, mas esse reconhecimento é ilusório. Trata-se do efeito ideológico da evidência, da crença de que o sujeito é a fonte do sentido e do discurso. O que de fato o constitui é o modo como ele é interpelado pelas formações ideológicas em jogo na sociedade. Cada formação ideológica, ao se materializar em uma formação discursiva, determina o que pode ser dito e o que é interditado, o que se torna visível e o que é silenciado.

Ao falar em ideologia(s) no plural, Pêcheux reconhece a heterogeneidade e a contradição que atravessam o campo discursivo. Não há uma ideologia única e monolítica, mas um conjunto de formações ideológicas em disputa, que se confrontam na luta simbólica pelos sentidos. Essa pluralidade faz com que o discurso seja, por constituição histórica, um espaço de conflito: o sentido é sempre o resultado provisório de uma tensão entre diferentes posições ideológicas. Por isso, o discurso não é transparente nem estável, mas sempre atravessado por equívocos, deslizos e retomadas que evidenciam sua historicidade.

Longe de ser um adorno externo, a ideologia funciona como a condição de possibilidade do discurso. É a ideologia que assegura a aparente coerência entre sujeito, língua e realidade, apagando as contradições que sustentam o processo de significação. Portanto, Pêcheux mostra que o discurso é o lugar onde a ideologia “trabalha” a língua e onde o sujeito se reconhece em um dizer que, paradoxalmente, não lhe pertence por inteiro.

Essa concepção desloca o olhar da análise para a materialidade discursiva: compreender o discurso é compreender a forma como as ideologias se realizam na linguagem, instaurando efeitos de evidência, coerência e verdade. O analista, nesse contexto, não busca o “verdadeiro” sentido, mas as condições que tornam o sentido possível, evidenciando os mecanismos ideológicos que o sustentam.

Ao final dessa parte, Pêcheux reafirma que o discurso é o lugar da contradição, do equívoco e da resistência: é nele que o sujeito pode tanto reproduzir quanto deslocar os sentidos dominantes, abrindo brechas para o novo, para o não-dito e para o impensado.

3.4 Parte IV – O processo discursivos nas ciências e na prática política

Na quarta parte, Pêcheux amplia o alcance de sua reflexão, aplicando os fundamentos da análise discursiva aos campos da ciência e da política. Ele mostra que o processo discursivo não se limita ao domínio linguístico ou literário, mas atravessa toda produção de saber e toda prática social. A ciência e a política são, assim, espaços privilegiados de observação do funcionamento ideológico da linguagem, pois nelas o discurso se apresenta com pretensão de verdade ou de legitimidade, mascarando a historicidade de suas condições de produção.

No caso da ciência, Pêcheux evidencia que o discurso científico tende a construir para si uma aparência de neutralidade e universalidade. Essa pretensão se apoia na ilusão de que o conhecimento científico é produzido fora da ideologia, por meio de um sujeito epistêmico autônomo que observa a realidade de modo objetivo. Entretanto, a análise discursiva revela que o discurso científico também é atravessado por formações ideológicas que determinam o que é considerado “científico” ou “não científico”, “verdadeiro” ou “falso”, “legítimo” ou “impróprio”. Cada paradigma científico constitui uma formação discursiva própria, que define não apenas os objetos e métodos de pesquisa, mas também as posições de sujeito que podem ser ocupadas no interior da ciência.

Desse modo, o discurso científico, embora se pretenda transparente, é historicamente situado e ideologicamente marcado. A ruptura epistemológica, tal como propõe Pêcheux, consiste justamente em reconhecer essa materialidade discursiva do saber: compreender que a produção científica é também produção de sentidos, sustentada por determinadas condições históricas e sociais. O analista de discurso, portanto, não busca desqualificar a ciência, mas lhe restituir sua historicidade, mostrando que o conhecimento é sempre atravessado por ideologias e que o sujeito do saber é, antes de tudo, um sujeito interpelado.

No campo político, o discurso se apresenta de modo ainda mais explícito como prática social. Pêcheux analisa como os processos discursivos configuram as posições de classe, a construção dos adversários e a luta pelos sentidos. O discurso político é o espaço de disputa entre diferentes formações ideológicas, em que as palavras se tornam armas simbólicas. Termos como “democracia”, “liberdade” ou “povo” não possuem significados fixos: seu sentido depende das formações discursivas que os mobilizam e das posições ideológicas que os sustentam.

Ao compreender o discurso político como lugar de contradição e de luta, Pêcheux inscreve a AD em uma perspectiva crítica e transformadora. A linguagem, longe de ser um simples reflexo das relações de poder, é também um campo de resistência, em que novos sentidos podem emergir. A análise discursiva, nesse contexto, torna-se um gesto político na medida em que desnaturaliza as evidências do dizer e expõe os mecanismos de funcionamento da ideologia.

Assim, tanto na ciência quanto na política, o discurso aparece como um processo material e histórico, atravessado por forças contraditórias e por disputas de sentido. Pêcheux mostra que compreender o discurso é compreender o modo como o saber e o poder se articulam na produção dos sentidos do mundo. O analista, ao mostrar essa articulação, assume uma postura crítica diante da linguagem, reconhecendo que não há neutralidade possível onde há discurso. Há sempre posição, conflito e ideologia em ação.

3.5 Conclusão do livro

Na conclusão do livro, por meio de constatações, teses e proposições, Pêcheux reafirma o discurso como prática material simbólica: o lugar onde se cruzam língua, história e ideologia. A AD emerge, assim, como uma disciplina crítica, voltada à desnaturalização dos sentidos e à evidenciação de seus mecanismos de produção.

4 A fase da retificação: “Só há causa naquilo que falha”: o Anexo 3

4.1 Contexto da retificação

Após a publicação do livro, em 1975, no qual sua teoria do discurso é apresentada de forma mais amadurecida, Pêcheux passa a rever seu próprio modelo teórico. O cenário político francês do pós-1968, marcado pela fragmentação da esquerda, e as críticas internas à AD o levam a reconhecer os limites demasiadamente deterministas da teoria. Entre 1978 e 1983, ele elabora um conjunto de revisões conceituais que culminam no texto “Só há causa naquilo que falha (ou o inverno político francês: início de uma retificação)”. O texto foi publicado como anexo na edição

de língua inglesa (Pêcheux, 1982) e como Anexo 3 na edição brasileira, *Semântica e Discurso* (1988).

4.2 O sentido da retificação

Mas do que trata Pêcheux quando fala em “retificação”? A retificação consiste na passagem de uma compreensão de discurso mecanicista e reflexivo para uma compreensão que considera o discurso em suas contradições e as heterogeneidades, dialético e agonístico. Pêcheux reconhece que em suas formulações anteriores havia uma correspondência direta entre formação ideológica e formação discursiva, o que suprimia a contradição e o movimento. No novo momento, o discurso é atravessado por múltiplas ideologias em confronto, produzindo deslocamentos e apresentando também resistências por parte do sujeito.

4.3 O papel da psicanálise

A retificação coincide com a incorporação mais profunda da psicanálise lacaniana. Pêcheux reconhece que a ideologia não explica sozinha a divisão do sujeito e que é preciso considerar o inconsciente como estrutura determinante da linguagem e do sujeito. Assim, o sujeito deixa de ser o sujeito assujeitado puro da ideologia althusseriana clássica para se tornar um sujeito dividido, duplamente determinado pela ideologia e pelo inconsciente. O princípio lacaniano de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1998) é decisivo para essa virada.

Em outro lugar, discutimos como a psicanálise vai progressivamente se inscrevendo no deslocamento teórico empreendido por Pêcheux (Souza, 2019). A partir do texto “Só há causa daquilo que falha”, em que o autor retifica posições anteriores e acentua o valor teórico, político e histórico da falha, evidenciamos o fechamento do vínculo da presença da psicanálise na constituição do sujeito naquele estágio da teoria. Com base nessa articulação, defendemos uma AD que expanda seu escopo analítico para além da recorrência de regularidades, incorporando também a interpretação das políticas de resistência do sujeito. O aporte psicanalítico permite compreender o discurso a partir de sua constituição contraditória, marcada pela tensão entre o mesmo e o diferente, e operando em um duplo registro: o da ideologia e o do inconsciente.

4.4 Do determinismo à contradição

Com a retificação, Pêcheux redefine conceitos teóricos da AD: o discurso deixa de ser reflexo da ideologia e se torna campo de luta simbólica. O sujeito passa de meramente assujeitado a um sujeito resistente, dividido e desejante; o sentido deixa de ser fixo e se torna movente, equívoco e histórico.

Mas o que esse percurso – do entendimento de discursos fechados, que determinam um sujeito totalmente assujeitado, à concepção de um sujeito ainda assujeitado, porém cindido, atravessado pelo desejo e capaz de resistir à ideologia por meio do inconsciente – representa para nós, analistas do discurso, cinquenta anos depois?

5 A Análise de Discurso hoje: recuperemos Pêcheux

Fazer AD a partir do que Michel Pêcheux nos propõe em *Les vérités de La Palice* e depois, com as retificações, é enfrentar a tarefa de compreender o indivíduo como sujeito de linguagem, constituído por discursos, atravessado por ideologias. É compreender também que esses discursos não são homogêneos, tampouco fechados; ao contrário, são atravessados por outros discursos, sempre heterogêneos, em que a contradição não é uma anomalia, mas condição constitutiva da própria subjetividade. O sujeito é produzido nessa trama contraditória, inclusive pela resistência a esses mesmos discursos que o interpelam.

Praticar hoje a AD de Michel Pêcheux, materialista, implica tomar a ideologia como um conceito fundante – em diálogo com Althusser, sim, mas a partir do deslocamento operado por Pêcheux. Para Pêcheux, a ideologia não deve ser compreendida apenas como uma fonte de determinação rígida e homogênea, mas como uma formação movente, sócio-histórica e marcada pela contradição e pela disputa constante entre as diferentes formações ideológicas. Não é só reprodução, mas contradição e transformação, como ele próprio explicita ao revisar aqui e alhures Althusser (Pêcheux, 2009; 2019).

Fazer AD de Pêcheux hoje é, portanto, mostrar as contradições ideológicas inscritas na arena discursiva, onde se enfrentam e se constroem os sentidos. É não esquecer que nessa arena o

capitalismo tenta se impor como metadiscurso, apagando o social e naturalizando o histórico. A Análise do Discurso de Michel Pêcheux insiste em evidenciar que ali, na *polis* e na língua, se inscreve a luta de classes, nos fios do sentido, nas escolhas lexicais, nos silenciamentos, nas repetições e nos deslizamentos.

Fazer AD de Pêcheux hoje é lembrar que mesmo sob o assujeitamento ideológico, o sujeito não é um autômato. A contradição que o constitui, atravessado por discursos heterogêneos, permite a emergência de uma resistência. Essa resistência, como a própria ideologia, também tem um funcionamento inconsciente. O assujeitamento não é pleno, embora se venda como tal. Não. Ele falha e é justamente por essa falha que o sujeito escapa, resiste, se inscreve de outro modo. A falha não é uma exceção, mas uma constante do processo de subjetivação, um rasgo por onde se vislumbra a possibilidade da deriva, do equívoco, de outro dizer.

A interpelação ideológica e a resistência do sujeito, heranças do marxismo e da psicanálise, respectivamente, são ressignificadas por Pêcheux no campo discursivo. Há uma desterritorialização e reterritorialização dos conceitos, mudando o seu regime de funcionamento (Deleuze; Guattari, 1995).

Por fim, não esqueçamos de algo fundamental, que tem sido muito esquecido recentemente: a materialidade discursiva só é acessível por meio da língua. A língua é o elemento nodal da AD: prática social, lugar ideológico por excelência, arena onde se marcam os efeitos dessas próprias interpelações e resistências. Sem a língua, como prática concreta, não há discurso. Quem da língua prescinde não faz AD, faz outra coisa: faz sociologia da linguagem, faz psicanálise, faz crítica cultural, faz superinterpretação (Eco, 1993), faz literatura, faz novela, faz proselitismo, mas não faz a Análise do Discurso de Michel Pêcheux.

Talvez esta seja a grande questão que este autor ainda nos oferece, cinquenta anos após a publicação de *Les vérités de La Palice*: fazer Análise de Discurso é pensar a ideologia e suas contradições operando na constituição de sujeito sócio-histórico, um sujeito que, entretanto, resiste e que falha, que escapa e deriva, mas que se faz sujeito no mundo pela língua. Essa constituição subjetiva não se dá por simples justaposição da ideologia, da língua e do inconsciente – a tal da imbricação que reterritorializa os conceitos. Ela se dá por um funcionamento entrelaçado, intricado, emaranhado e movente, num corpo discursivo atravessado por uma agonística fundante de um sujeito que se movimenta.

É um grande desafio hoje praticar a AD de Michel Pêcheux sem ceder à tentação dos recortes assépticos ou dos encaixes teóricos convenientes que nos últimos anos têm diluído a potência de seu legado. Mais do que nunca, é urgente garantir a AD em seu campo original de tensões: entre o ideológico, o linguístico e o inconsciente. As três dimensões, em articulação constante. Não apenas uma, nem duas combinadas, mas as três, indissociáveis. É dessa indissociabilidade que se constitui, efetivamente, a Análise de Discurso de Michel Pêcheux.

É necessário enfatizar que a defesa aqui proposta pela não obliteração da ideologia, do sujeito e da língua tal como concebidos por Pêcheux em sua fase final não se confunde com a defesa de um imobilismo teórico. Ao contrário: trata-se de assegurar que a Análise de Discurso permanece fiel à sua condição de teoria do sentido, cuja especificidade reside justamente na articulação singular que estabelece no entremeio (Orlandi, 1999) de diferentes campos do saber.

Nesse horizonte, observa-se que o marxismo tem sido objeto de importantes retificações e releituras frente às demandas contemporâneas (Lazzarato, 2014; 2017; 2019; Scholz, 2020; Antunes, 2018), que envolvem desde a reconfiguração das lutas de classe e das formas de exploração no capitalismo tardio até a emergência de ideologias digitalizadas e de debates identitários. De modo análogo, a psicanálise encontra-se atravessada por questionamentos aos seus cânones, tensionada por desafios éticos, estéticos e políticos da contemporaneidade (Preciado, 2022; Laufer, 2025).

No domínio da linguística, especialmente no contexto brasileiro, a concepção de linguagem de Pêcheux não apenas foi retomada, mas aprofundada e reconfigurada, constituindo um robusto capítulo próprio da Análise de Discurso no país. Destacam-se, nesse percurso, os trabalhos de Eni Orlandi, Freda Indursky, Bethania Mariani, Maria Cristina Leandro Ferreira, Tânia Clemente de Souza, entre outros e outras pesquisadoras e pesquisadores que, de modos distintos, têm mantido e renovado o programa teórico inaugurado por Pêcheux.

Assim, a teoria permanece em movimento, em constante atualização, sem contudo renunciar às suas bases fundantes, às “vigas-mestras” que sustentam o barco que segue adiante, mesmo sob novas marés e ventos teóricos.

À guisa de conclusão

A obra de Michel Pêcheux constitui uma das mais notáveis tentativas de pensar a linguagem a partir da materialidade histórica e ideológica por meio da língua. Ao longo de sua trajetória, Pêcheux manteve uma postura de autocrítica permanente, reelaborando suas próprias categorias e tensionando suas bases teóricas. A retificação é o exemplo mais claro dessa abertura e dessa disposição à refacção epistemológica. Ele demonstra que uma teoria viva é aquela que se revisa diante de suas falhas: “só há causa naquilo que falha”.

Nessa perspectiva, a Análise do Discurso de Pêcheux deve ser compreendida como uma teoria em constante movimento, aberta à contradição, à historicidade e ao equívoco que a constituem. Compete aos analistas de discurso, a nós que assim nos nomeamos, sustentar, à semelhança de Pêcheux, a disposição para o *aggiornamento* teórico, de modo que o gesto analítico permaneça capaz de interrogar não apenas o discurso do outro, mas também o seu próprio. Essa abertura, no entanto, não pode implicar o abandono dos fundamentos que definem a AD como tal.

Propomos, na esteira da construção teórica de Michel Pêcheux, que a Análise de Discurso (AD) interpele a si mesma, em pesquisas que recorrem ao seu dispositivo teórico para a constituição de seus dispositivos analíticos, a partir de três eixos fundamentais: o político, o ético e o estético.

A AD que Pêcheux nos legou deve continuar sendo uma teoria do sentido comprometida com o político, com a *polis*, com o espaço coletivo e histórico das relações humanas. Cabe, portanto, indagar como a língua, produzida e atravessada por sujeitos sociais, participa da (des)organização da arena de disputas simbólicas e materiais que estruturam o objeto analisado. Quais relações de poder se impõem? Quais vozes são silenciadas ou apagadas? Tornar visível o político, nesse sentido, constitui uma das tarefas essenciais de toda análise de discurso.

Decorrente desse compromisso, a AD precisa igualmente manter-se vinculada a uma dimensão ética. Isso implica problematizar como o político reconfigura o outro, de que modo a alteridade é acolhida ou negada e como a existência do outro é colocada em risco nas tramas ideológicas e nas relações de poder que atravessam o discurso. Uma AD eticamente orientada é aquela que reconhece o outro como lugar de produção de sentidos e de resistência e não como objeto de captura.

Somente nesse duplo movimento, político e ético, é possível sustentar o terceiro ponto constitutivo: o compromisso estético. Trata-se da estética de um mundo que se quer reinventado, no qual novos sentidos possam emergir em favor da existência humana, da justiça social e da construção de uma vida mais bela. Uma análise de discurso nasce do social e a ele deve necessariamente retornar, transformada pela experiência interpretativa.

O paradigma político-ético-estético apresenta-se, assim, como um parâmetro fundamental para o trabalho analítico em AD, que deve sempre atravessar e ser sustentado pela materialidade da língua. Se conseguirmos realizar uma análise de discurso que preserve essa articulação, estaremos, de fato, fazendo jus à herança intelectual de Michel Pêcheux. E não há momento mais simbólico numa celebração do que aquele em que revisitamos nossa prática, repensando nossos gestos teóricos, nossas escolhas e, sobretudo, nosso modo de existir no mundo. Certamente os 50 anos de *Les vérités de La Palice* nos deu esse presente.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1980. [Primeira edição original em 1970].

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

CONEIN, Bernard *et al.* **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Silvana Serrani [et al.] 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

HARRIS, Zellig S. Discourse Analysis. **Language**, v. 28, n. 1, p. 1-30, Jan./Mar. 1952.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Tradução de Maria Fausta Pereira de Catsro. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. [Primeira edição original em 1977].

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. [Primeira edição original em 1966].

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAUFER, Laurie. **Rumo a uma psicanálise emancipada**: reatar com a subversão. Tradução: Isadora Nuto. Porto Alegre, Editora Criação Humana, 2025.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas e subjetividades**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: n-1 edições, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LAZZARATO, Maurizio. **Guerras e capital**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: n-1 edições, 2019.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Pêcheux hoje. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003. [Primeira edição original em 1990].

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunot, 1969.

PÊCHEUX, Michel. **Les vérités de La Palice**. Paris: François Maspero, 1975.

PÊCHEUX, Michel. Análise de discurso: três épocas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Jonas de A. Romualdo 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 311–318.

PÊCHEUX, Michel. **Language, semantics and ideology**. New York: St. Martin's Press, 1982.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. A língua inatingível. Tradução: Sérgio Augusto Freire de Souza. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**: textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011. p. [93-105].

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2021. [Primeira edição original em 1916].

SCHOLZ, Roswitha. **O valor é o homem**: teses sobre o patriarcado produtor de mercadorias. Tradução de Mariana Lins e Eduardo Hegenberg. São Paulo: Elefante, 2020.

SOUZA, Sérgio A. F. Da Análise Automática do Discurso ao discurso do sujeito do desejo: reflexões psicanalíticas sobre a teoria do discurso de Michel Pêcheux. **Língua e instrumentos linguísticos**, n. 44, jul-dez, 2019.

Recebido em: 10/11/2025; **Aceito em:** 22/11/2025.